



EUSÉBIO DE CESARÉIA

# HISTÓRIA ECLESIAÍSTICA



Novo Século

EUSÉBIO DE CESARÉIA

# HISTÓRIA ECLESIAÍSTICA

Digitalizado e revisado por micscan



[www.semeadoresdapalavra.net](http://www.semeadoresdapalavra.net)

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar. Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

Semeadores da Palavra e-books evangélicos

Tradução de  
WOLFGANG FISCHER

São Paulo  
2002

**Novo Século**

© Copyright 1999 by Editora Novo Século

*Supervisão editorial:*  
Eduardo de Proença

*Produção editorial:*  
José Carlos Vidal

*Revisão:*  
Maria Aparecida Salmeron

*Composição:*  
Real Produções Gráficas Ltda.

*Capa:*  
Eduardo de Proença

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou meio eletrônico e mecânico, inclusive através de processos xerográficos, sem permissão expressa da editora. (Lei nº 9.610 de 19.2.98.)

Todos os direitos reservados à



EDITORA NOVO SÉCULO LTDA.  
Rua Barão de Itapetininga, 140 - Loja 4  
01042-000 - São Paulo-SP

Novo Século Tel: (011) 3115-3469



## SUMÁRIO

### LIVRO I

I.	Propósito da Obra.....	13
II.	Resumo da doutrina sobre a preexistência de Nosso Salvador e Senhor, o Cristo de Deus, e da atribuição da divindade.....	13
III.	De como os nomes de Jesus e de Cristo já eram conhecidos desde a antigüidade e honrados pelos profetas inspirados por Deus.....	17
IV.	De como o caráter da religião anunciada por Cristo a todas as nações não era novo nem estranho.....	19
V.	De quando Cristo se manifestou aos homens.....	21
VI.	De como, segundo as profecias, em seus dias terminaram os reis por linha hereditária que regiam a nação judia e começou a reinar Herodes, o primeiro estrangeiro.....	21
VII.	Da suposta discrepância dos evangelhos acerca da genealogia de Cristo.....	22
VIII.	Do infanticídio cometido por Herodes e o final catastrófico de sua vida.....	24
IX.	Dos tempos de Pilatos.....	26
X.	Dos sumos sacerdotes dos judeus sob os quais Cristo ensinou.....	26
XI.	Testemunhos sobre João Batista e Cristo.....	27
XII.	Dos discípulos de nosso Salvador.....	28
XIII.	Relato sobre o rei de Edessa.....	29

### LIVRO II

I.	Da vida dos apóstolos depois da ascensão de Cristo.....	33
II.	Da emoção de Tibério ao ser informado por Pilatos dos feitos referentes a Cristo.....	34
III.	De como a doutrina de Cristo em pouco tempo se propagou por todo o mundo.....	35
IV.	De como, depois de Tibério, Caio estabeleceu Agripa como rei dos judeus e castigou Herodes com o desterro perpétuo.....	36
V.	De como Fílon foi embaixador junto a Caio em favor dos judeus.....	36
VI.	Dos males que desabaram sobre os judeus depois de sua maldade contra Cristo.....	37
VII.	De como Pilatos também se suicidou.....	38
VIII.	Da fome nos tempos de Cláudio.....	38
IX.	Martírio do apóstolo Tiago.....	38
X.	De como Agripa, também chamado Herodes, perseguiu os apóstolos e logo sentiu a vingança divina.....	38
XI.	Do impostor Teudas.....	39
XII.	De Elena, rainha de Adiabene.....	39
XIII.	De Simão Mago.....	40
XIV.	Da pregação do apóstolo Pedro em Roma.....	41
XV.	Do evangelho de Marcos.....	41
XVI.	De como Marcos foi o primeiro a pregar aos egípcios o conhecimento de Cristo.....	42
XVII.	O que Fílon conta sobre os ascetas do Egito.....	42
XVIII.	Obras de Fílon que chegaram até nós.....	44
XIX.	Calamidades que se abateram sobre os judeus de Jerusalém no dia da Páscoa.....	45
XX.	Do que ocorreu em Jerusalém nos dias de Nero.....	45
XXI.	Do egípcio, também mencionado pelos <i>Atos dos Apóstolos</i> .....	46
XXII.	De como Paulo, enviado preso da Judéia a Roma, fez sua defesa e foi absolvido de toda acusação.....	46
XXIII.	De como Tiago, chamado irmão do Senhor, sofreu o martírio.....	47
XXIV.	De como Aniano foi nomeado primeiro bispo da Igreja de Alexandria depois de Marcos.....	49
XXV.	Da perseguição nos tempos de Nero, na qual Paulo e Pedro foram adornados com o martírio pela religião em Roma.....	49

XXVI. Dos inumeráveis males que envolveram os judeus e da última guerra que eles moveram contra os romanos .....	50
--	----

### LIVRO III

I. Em que partes da terra os apóstolos pregaram sobre Cristo.....	52
II. Quem foi o primeiro que presidiu a Igreja de Roma .....	52
III. Sobre as cartas dos apóstolos.....	52
IV. Sobre a primeira sucessão dos apóstolos.....	53
V. Sobre o último assédio dos judeus depois de Cristo .....	54
VI. Sobre a fome que os oprimiu .....	54
VII. Sobre as profecias de Cristo.....	57
VIII. Dos sinais que precederam a guerra .....	58
IX. De Josefo e os escritos que deixou.....	59
X. De que maneira cita os livros divinos .....	59
XI. De como Simeão dirige a Igreja de Jerusalém depois de Tiago.....	60
XII. De como Vespasiano ordena que se busquem os descendentes de Davi.....	60
XIII. De como o segundo bispo de Roma é Anacleto .....	61
XIV. De como o segundo a dirigir os alexandrinos é Abílio .....	61
XV. De como o terceiro bispo de Roma, depois de Anacleto, é Clemente.....	61
XVI. Da carta de Clemente.....	61
XVII. Da perseguição sob Domiciano.....	61
XVIII. Sobre o apóstolo João e o "Apocalipse".....	61
XIX. De como Domiciano ordena a morte aos descendentes de Davi.....	62
XX. Dos parentes de nosso Salvador.....	62
XXI. De como o terceiro a dirigir a Igreja de Alexandria é Cerdon.....	62
XXII. De como o segundo na de Antioquia é Inácio.....	63
XXIII. Relato sobre o apóstolo João.....	63
XXIV. Da ordem dos evangelhos.....	64
XXV. Das divinas Escrituras reconhecidas e das que não o são.....	66
XXVI. Sobre o mago Menandro.....	66
XXVII. Da heresia dos ebionitas.....	67
XXVIII. Do heresiarca Cerinto.....	67
XXIX. De Nicolau e dos que dele tomam o nome.....	68
XXX. Dos apóstolos cujo matrimônio está comprovado.....	68
XXXI. Da morte de João e de Felipe.....	69
XXXII. De como sofreu o martírio Simeão, bispo de Jerusalém.....	69
XXXIII. De como Trajano impediu que se perseguisse os cristãos.....	70
XXXIV. De como o quarto a dirigir a Igreja de Roma é Evaristo.....	71
XXXV. De como o terceiro na de Jerusalém é Justo.....	71
XXXVI. Sobre Inácio e suas cartas.....	71
XXXVII. Dos evangelistas que ainda então se distinguem.....	73
XXXVIII. Da carta de Clemente e os escritos que falsamente lhe atribuem.....	73
XXXIX. Dos escritos de Papias .....	74

### LIVRO IV

I. Quais foram os bispos de Roma e de Alexandria sob o reinado de Trajano.....	77
II. O que padeceram os judeus nos tempos de Trajano.....	77
III. Os que saíram em defesa da fé nos tempos de Adriano.....	77
IV. Os bispos de Roma e de Alexandria nos tempos deste .....	78
V. Os bispos de Jerusalém, desde o Salvador até os tempos de Adriano.....	78
VI. O último assédio de Jerusalém, nos tempos de Adriano.....	78
VII. Quem foram neste tempo os líderes da <i>gnosis</i> de enganoso nome.....	79

VIII.	Quem foram os escritores eclesiásticos nos tempos de Adriano.....	80
IX.	Uma carta de Adriano dizendo que não se deveria perseguir-nos sem julgamento....	81
X.	Quem foram os bispos de Roma e de Alexandria sob o reinado de Antonino.....	81
XI.	Dos heresiarcas daqueles tempos.....	81
XII.	Da <i>Apologia</i> de Justino dirigida a Antonino.....	82
XIII.	Uma carta de Antonino ao concílio da Ásia sobre a nossa doutrina.....	83
XIV.	O que se recorda sobre Policarpo, discípulo dos apóstolos.....	83
XV.	De como, nos tempos de Vero, Policarpo sofreu o martírio junto com outros da Cidade de Esmirna.....	84
XVI.	De como Justino o Filósofo, sendo de avançada idade, sofreu martírio pela doutrina de Cristo na cidade de Roma.....	88
XVII.	Dos mártires mencionados por Justino em sua própria obra.....	89
XVIII.	Que tratados de Justino chegaram a nós.....	90
XIX.	Quem esteve frente à frente das igrejas de Roma e de Alexandria sob o reinado de Vero.....	91
XX.	Quem esteve à frente da igreja de Antioquia.....	91
XXI.	Dos escritores eclesiásticos que brilharam naquele tempo.....	91
XXII.	De Hegesipo e dos que ele menciona.....	91
XXIII.	De Dionísio, bispo de Corinto, e das cartas que escreveu.....	92
XXIV.	De Teófilo, bispo de Antioquia.....	93
XXV.	De Felipe e de Modesto.....	93
XXVI.	De Meliton e dos que ele menciona.....	94
XXVII.	De Apolinário.....	95
XXVIII.	De Musano.....	95
XXIX.	Da heresia de Taciano.....	95
XXX.	De Bardesanes o Sírio e das obras que se diz serem suas.....	96

## LIVRO V

I.	Quantos foram e de que modo lutaram nos tempos de Vero pela religião na Gália..	98
II.	De como os mártires, amados de Deus, acolhiam e cuidavam dos que haviam falhado na perseguição .....	104
III.	Que aparição teve em sonhos o mártir Atalo.....	105
IV.	De como os mártires recomendavam Irineu em sua carta.....	105
V.	De como Deus atendeu as orações dos nossos e fez chover do céu para o imperador Marco Aurélio.....	106
VI.	Lista dos bispos em Roma .....	107
VII.	De como inclusive até aqueles tempos realizavam-se por meio dos fiéis grandiosos milagres.....	107
VIII.	De como Irineu menciona as diversas Escrituras.....	108
IX.	Os que foram bispos sob Cômodo .....	109
X.	De Panteno, o filósofo.....	109
XI.	De Clemente de Alexandria .....	110
XII.	Dos bispos de Jerusalém .....	110
XIII.	De Ródon e as dissensões que mencionados marcionitas.....	110
XIV.	Dos falsos profetas catafrigas .....	111
XV.	Do cisma de Blasto em Roma .....	111
XVI.	O que se menciona sobre Montano e os pseudopropetas de sua companhia.....	112
XVII.	De Milcíades e os tratados que compôs.....	114
XVIII.	Em que termos Apolônio refutou aos catafrigas e quem ele menciona.....	115
XIX.	De Serapion sobre a heresia dos frígios.....	116
XX.	O que Irineu discute por escrito com os cismáticos de Roma.....	116
XXI.	De como Apolônio morreu mártir em Roma.....	117

XXII.	Que bispos eram célebres naquele tempo.....	118
XXIII.	Da questão então movida sobre a Páscoa.....	118
XXIV.	Sobre a dissensão na Ásia .....	118
XXV.	De como houve acordo unânime entre todos sobre a Páscoa.....	120
XXVI.	Quanto chegou a nós de Irineu.....	120
XXVII.	Quanto chegou dos outros que floresceram naquela época.....	121
XXVIII.	Dos que acolheram a heresia de Artemon desde o princípio, qual foi seu comportamento e de que modo ousaram corromper as Escrituras.....	121

## LIVRO VI

I.	Da perseguição de Severo.....	124
II.	Da educação de Orígenes desde menino.....	124
III.	De como Orígenes, sendo ainda um rapaz, ensinava a doutrina de Cristo.....	125
IV.	Quantos dos instruídos por Orígenes foram elevados à categoria de mártires.....	126
V.	De Potamiana .....	127
VI.	De Clemente de Alexandria .....	128
VII.	Do escritor Judas .....	128
VIII.	Da façanha de Orígenes .....	128
IX.	Dos milagres de Narciso .....	129
X.	Dos bispos de Jerusalém.....	129
XI.	De Alexandre .....	130
XII.	De Serapion e das obras que dele se conservam .....	130
XIII.	Das obras de Clemente .....	131
XIV.	De quantas escrituras Clemente faz menção .....	132
XV.	De Heraclas .....	132
XVI.	De como Orígenes havia se ocupado com a das divinas Escrituras.....	133
XVII.	Do tradutor Símaco .....	133
XVIII.	De Ambrósio .....	133
XIX.	Quantas coisas se mencionam sobre Orígenes.....	134
XX.	Quantas obras subsistem dos homens de então.....	135
XXI.	Quantos bispos eram célebres naqueles tempos .....	136
XXII.	Quantas obras de Hipólito chegaram a nós.....	136
XXIII.	Do zelo de Orígenes e como foi julgado digno do presbiteriado eclesiástico.....	136
XXIV.	Que comentários Orígenes escreveu em Alexandria .....	137
XXV.	Como Orígenes mencionou as escrituras canônicas.....	137
XXVI.	Como era considerado pelos bispos .....	138
XXVII.	De como Heraclas recebeu em sucessão o episcopado de Alexandria.....	138
XXVIII.	Da perseguição de Maximino .....	139
XXIX.	De como Fabiano foi milagrosamente assinalado por Deus como bispo de Roma....	139
XXX.	Quantos discípulos teve Orígenes .....	139
XXXI.	De Africanus .....	140
XXXII.	Que comentários escreveu Orígenes em Cesaréia da Palestina.....	140
XXXIII.	Sobre o descaminho de Berilo .....	140
XXXIV.	O ocorrido no tempo de Felipe.....	141
XXXV.	De como Dionísio sucedeu Heraclas no episcopado .....	141
XXXVI.	Que outras obras escreveu Orígenes .....	141
XXXVII.	Da discórdia dos árabes .....	141
XXXVIII.	Da heresia dos helcesaítas.....	141
XXXIX.	Dos tempos de Décio .....	142
XL.	Do acontecido a Dionísio .....	142
XLI.	Dos que sofreram martírio na mesma Alexandria .....	143
XLII.	De outros mártires mencionados por Dionísio .....	145

XLIII.	De Novato, sua conduta e sua heresia .....	146
XLIV.	Relato de Dionísio acerca de Serapion.....	148
XLV.	Carta de Dionísio a Novato .....	149
XLVI.	Das outras cartas de Dionísio .....	149

## LIVRO VII

I.	Da perversidade de Décio e de Galo.....	151
II.	Os bispos de Roma nos tempos de Décio e de Galo .....	151
III.	De como Cipriano, com seus bispos, foi o primeiro a sustentar a opinião de que deveriam ser purificados pelo batismo os que se convertiam do erro herético..	151
IV	Quantas cartas Dionísio compôs sobre este assunto.....	151
V.	Da paz depois da perseguição.....	151
VI.	Da heresia de Sabelio .....	152
VII	Do abominável erro dos hereges, da visão que Deus enviou a Dionísio e da regra eclesiástica que este havia recebido.....	152
VIII	Da heterodoxia de Novato .....	153
IX	Do ímpio batismo dos hereges .....	153
X	De Valeriano e sua perseguição .....	154
XI.	Do que ocorreu a Dionísio e aos do Egito na perseguição.....	155
XII.	Dos que morreram mártires em Cesaréia da Palestina.....	158
XIII.	Da paz em tempos de Galieno .....	158
XIV.	Os bispos que floresceram naquele tempo.....	158
XV.	De como em Cesaréia morreu mártir Marino .....	158
XVI.	A história de Astirio .....	159
XVII	.....	159
XVIII.	Dos sinais da magnificência de nosso Salvador existentes em Paneas.....	159
XIX.	Do trono de Tiago .....	160
XX.	Das "cartas festivas" de Dionísio, nas quais fixa também um cânon sobre a Páscoa.....	160
XXI.	Do que aconteceu em Alexandria .....	160
XXII.	Da doença que sobreveio em Alexandria .....	161
XXIII.	Do império de Galieno .....	162
XXIV.	De Népos e seu cisma.....	163
XXV.	Sobre o <i>Apocalipse</i> de João .....	164
XXVI.	Das cartas de Dionísio .....	166
XXVII.	Sobre Paulo de Samosata e a heresia que suscitou em Antioquia.....	167
XXVIII.	Os bispos ilustres que eram célebres naquele tempo .....	167
XXIX.	De como se rebateu Paulo e este foi excomungado.....	167
XXX	.....	168
XXXI.	Da heterodoxa perversão dos maniqueus, iniciada precisamente então.....	170
XXXII.	Dos varões eclesiásticos que se distinguiram em nosso tempo e quais deles viveram até o ataque às igrejas .....	171

## LIVRO VIII

I.	Da situação anterior à perseguição de nossos dias .....	176
II.	Da destruição das igrejas .....	177
III	Do modo de conduzir-se dos que combateram na perseguição.....	177
III.	Dos mártires de Deus dignos de serem celebrados, como encheram cada lugar com sua memória depois de cingir-se variadas coroas em defesa da religião.....	178
V	Dos mártires de Nicomedia.....	178
VI	Dos mártires das casas imperiais .....	179
VII	Dos mártires egípcios da Fenícia .....	180



VIII.	Dos mártires do Egito .....	181
IX.	Dos mártires de Tebaida .....	181
X.	Informes escritos do mártir Fileas acerca do ocorrido em Alexandria.....	182
XI.	Dos mártires da Frígia .....	183
XII.	De muitíssimos outros, homens e mulheres, que combateram de diversas maneiras..	183
XIII.	Dos presidentes das igrejas, que por meio de seu sangue mostraram a verdade da religião de que eram embaixadores .....	185
XIV.	Do caráter dos inimigos da religião.....	186
XV.	Do acontecido aos de fora.....	188
XVI.	Da mudança e melhora da situação .....	188
XVII.	Da palinódia dos soberanos .....	189

#### **LIVRO IX**

I.	Da fingida distensão .....	192
II.	Da posterior piora .....	193
III.	Da estátua recém-erigida em Antioquia .....	193
IV	Das decisões votadas contra nós .....	193
V	Das "Memórias" fingidas .....	194
VI.	Dos que neste tempo sofreram martírio .....	194
VII.	Do edito contra nós afixado nas colunas .....	195
VIII.	Dos acontecimentos que seguiram entre fome, peste e guerras.....	196
IX.	Da morte catastrófica dos tiranos e palavras que pronunciaram antes de morrer....	198
X.	Da vitória dos imperadores amigos de Deus.....	200
XI.	Da destruição final dos inimigos da religião.....	202

#### **LIVRO X**

I.	Da paz que Deus nos outorgou .....	205
II.	Da restauração das igrejas .....	205
III.	Das dedicações em todo lugar .....	206
IV	Panegírico ante o esplendor de nossos assuntos.....	206
V	Cópias das leis imperiais referentes aos cristãos .....	216
VI.	.....	219
VII.	Da imunidade dos clérigos .....	219
VIII.	Da posterior perversidade de Licínio e de sua morte.....	220
IX.	Da vitória de Constantino e do que este permitiu aos súditos do poder romano.....	222

# Livro IX

## I

### [Da fingida distensão]

1. A palinódia da ordem imperial antes citada foi exposta por todas as partes e em todo lugar da Ásia, assim como nas províncias circundantes. Cumprido isto desta maneira, Maximino, o tirano do Oriente, ímpio como nenhum outro e convertido no maior inimigo da religião do Deus do universo, ficou muito desgostoso do conteúdo do escrito<sup>600</sup>, e em vez do edito, ordenou verbalmente aos governantes a ele sujeitos que afrouxassem na guerra contra nós. Efetivamente, como não lhe era permitido contradizer de outra forma o juízo dos mais poderosos, guardando bem a mencionada lei e procurando cuidadosamente que nas regiões sujeitas a ele se fizesse pública, por meio de uma ordem oral manda os governantes a ele sujeitos afrouxarem a perseguição contra nós<sup>601</sup>. Mas os termos da ordem vão sendo comunicados por escrito.
2. Assim pois, Sabino, honrado entre eles com a dignidade dos magistrados mais elevados, dá a conhecer a decisão do imperador aos governadores de cada província mediante uma carta em latim. Sua tradução é a seguinte:
3. "Com o mais nobre e mais santo zelo, já faz tempo que a divindade de nossos senhores, santíssimos imperadores<sup>602</sup>, determinou orientar as mentes de todos os homens ao santo e reto caminho de viver, para que, inclusive os que pareciam seguir um costume alheio ao dos romanos, rendessem o culto devido aos deuses imortais.
4. Mas a obstinação e a rude vontade de alguns chegou a tal ponto que nem com a justa razão da ordem podia-se afastá-los de sua própria determinação, nem o castigo prometido os afastava.
5. Como aconteceu, pois, que por causa desta atitude muitos se pusessem em perigo, a divindade de nossos senhores, os poderosíssimos imperadores, julgando segundo a grande nobreza de sua piedade, que era alheio a seu próprio e diviníssimo propósito estar lançando os homens a um perigo tão grande por uma tal causa, ordenou escrever a tua inteligência por meio de minha devoção, que, se algum cristão for encontrado tomando parte na religião de sua própria nação, o afastes do mal e do perigo que o ameaça e não julgues que alguém deva ser castigado por este motivo, já que com o correr de tão longo tempo foi comprovado que de nenhuma maneira é possível persuadi-los a se afastarem de semelhante obstinação.
6. Por conseguinte, tua solicitude deve escrever aos *curadores*, aos magistrados municipais e aos prepostos de distrito rural de cada cidade para que saibam que, de agora em diante, não lhes convém preocupar-se com este edito<sup>603</sup>."
7. Depois disto, os de cada província, pensando que a intenção do que se lhes escrevia era a verdade, dão a conhecer por meio de cartas o pensamento imperial aos curadores, aos magistrados municipais e aos prepostos de distrito rural. Mas não fizeram avançar o assunto somente por meio de cartas, mas também, e muito principalmente, por meio das obras. Com o fim de levar a cabo a decisão imperial, tiravam à luz do dia e davam liberdade a todos que tinham encerrados nos cárceres por terem confessado a divindade, e deixavam ir também os que dentre eles estavam condenados às minas. Ainda que se equivocassem, eles criam que isto era o que verdadeiramente pensava o imperador.
8. E ao ocorrerem deste modo as coisas, de repente, como uma luz que brilha saindo da noite escura, em cada cidade podia-se ver igrejas congregadas, reuniões concorridíssimas e, além disso, as cerimônias executadas do modo costumeiro. E todo pagão infiel era presa de grande espanto ante isto e se maravilhava de mudança tão prodigiosa, e a gritos proclamava grande e único verdadeiro o Deus dos cristãos.
9. Dos nossos, os que haviam sustentado valente e fielmente o combate das perseguições recobriram novamente sua liberdade franca para com todos; em troca, os que, enfermos na fé, haviam

---

<sup>600</sup> Como visto acima, o nome de Maximino não aparece no cabeçalho do edito de tolerância, mas ele teve que assiná-lo com os outros imperadores e por algum tempo teve que respeitá-lo.

<sup>601</sup> Como se vê, é uma repetição do que já foi dito. Eusébio deve ter se esquecido de apagar o texto duplicado.

<sup>602</sup> A carta aparenta refletir o pensamento dos quatro imperadores, mas na verdade expressa a vontade pessoal de Maximino.

<sup>603</sup> Cancela um edito anterior que mandava perseguir os cristãos; não se sabe qual.

naufogado em suas almas apressavam-se alegremente em busca de remédio, implorando e pedindo aos fortes sua mão direita salvadora e suplicando a Deus que lhes fosse propício.

10. E logo, os nobres atletas da religião, liberados do sofrimento das minas, regressava a suas casas caminhando majestosos e radiantes através das cidades e transbordando uma indizível alegria e uma liberdade franca que não é possível traduzir com palavras.
11. Assim pois, ao longo dos caminhos e das praças, multidões em tropel realizavam sua viagem louvando a Deus com cantos e salmos, e os que antes estavam presos com duríssimos castigos e desterrados de suas pátrias, deverias vê-los agora recobrando seus lares com rosto transbordante de alegria e satisfação, tanto que inclusive os que antes gritavam contra nós, ao ver agora um prodígio tão contrário ao que se poderia esperar, uniam-se também a nosso regozijo pelo ocorrido.

## II

### [Da posterior piora]

1. Mas o tirano<sup>604</sup> que, como dissemos, governava a parte do Oriente, inimigo que era do bem e conspirador contra todos os bons, incapaz de suportar isto, nem seis meses completos agüentou que se fizesse desta maneira. Por conseguinte, pôs-se a maquinar meios para destruir a paz. Primeiramente tentou com um pretexto impedir-nos a reunião nos cemitérios<sup>605</sup>; depois, valendo-se de alguns homens malvados, enviou a si mesmo embaixadas contra nós, pois exortou aos cidadãos de Antioquia a que pedissem para obter dele como um dos maiores benefícios que de modo algum se permitisse que um cristão habitasse em sua pátria, e que sugerissem a outros esta mesma manobra. Na própria Antioquia o autor de tudo isto foi Teotecno, homem temível, charlatão, malvado e que não fazia honra a seu nome<sup>606</sup>. Era, segundo parece, curador da cidade.

## III

### [Da estátua recém-erigida em Antioquia]

1. Este homem<sup>607</sup> pois, que nos fez a guerra o quanto pôde e por todos os meios se esforçou para que os nossos fossem caçados em seus esconderijos como ladrões sacrílegos, e que tudo isto maquinou baseado na calúnia e acusações contra nós e foi o causador da morte de inúmeras pessoas, terminou por erigir uma estátua de Zeus Filios<sup>608</sup> com práticas de magia e bruxarias. Inventou para ele cerimônias impuras, iniciações de mau agouro e purificações abomináveis, e até diante do imperador fez pompa de sua prodigiosa categoria mediante o que ele tinha por oráculos. Este, para adular seu dono e senhor no que lhe agradava, excitou o demônio contra os cristãos e disse que o deus ordenava expulsar os cristãos para fora dos limites da cidade e da região circundante, por serem, afirmava, seus inimigos.

## IV

### [Das decisões votadas contra nós]

1. Este foi o primeiro que se saiu bem em seu propósito. Todas as demais autoridades que habitavam as cidades sujeitas ao mesmo comando apressavam-se a tomar resoluções semelhantes, enquanto os governadores de província, ao perceberem que isto agradava o imperador<sup>609</sup>, sugeriam a seus súditos que fizessem o mesmo.
2. O tirano, satisfeítíssimo, dava seu assentimento a estas decisões mediante um decreto, e novamente reavivou-se a perseguição contra nós. O próprio Maximino estabeleceu para cada cidade como sacerdotes dos ídolos, e acima destes sumos sacerdotes, a todos os que mais se distinguiam nas funções públicas e que tinham adquirido fama em todas. Também eles foram muito solícitos em tudo o que tangia ao culto dos deuses que tinham a seu cuidado.

---

<sup>604</sup> Maximino Daza, ou Daia.

<sup>605</sup> Como não havia outros lugares de reunião, isto equivalia a proibir todo tipo de assembléia religiosa.

<sup>606</sup> Teotecno significa "filho de Deus".

<sup>607</sup> Teotecno.

<sup>608</sup> Zeus, protetor da amizade.

<sup>609</sup> Maximino.

3. Em resumo, a absurda superstição do dono e senhor induzia todos os súditos, governantes e governados, a fazer tudo contra nós para obter as suas graças. Em troca dos benefícios que acreditavam que obteriam dele, faziam-lhe este favor, o maior: desejar nosso extermínio e continuar fazendo exibição das mais novas maldades contra nós.

## V

### [Das "Memórias" fingidas]

1. Depois de se inventar - como parece - umas *Memórias de Pilatos*<sup>610</sup> e de *Nosso Salvador*, abarrotadas de todo gênero de blasfêmia contra Cristo, com a anuência do soberano são distribuídas por todo o país sujeito a seu comando, com instruções escritas para que em todo lugar, assim no campo como nas cidades, fossem expostas publicamente a todos, e que os professores nas escolas cuidassem de ensiná-las às crianças em vez das ciências, e fazer com que as decorassem.
2. Enquanto isto se cumpria desta maneira, outro, um comandante militar, que os romanos chamam *dux*, ordenou que tirassem à força da praça pública de Damasco da Fenícia umas mulheres desprezíveis e as ameaçava com a aplicação de torturas, forçando-as a declarar por escrito que durante algum tempo haviam sido cristãs e que entre os cristãos tinham visto ações criminosas, e que estes cometiam ações licenciosas nas próprias casas do Senhor, e tudo quanto queriam que elas dissessem para calúnia de nossa doutrina. Em seguida inseriu estas declarações em umas memórias<sup>611</sup> e as comunicou ao imperador, que ordenou que também este documento fosse tornado público em todo lugar e em cada cidade.

## VI

### [Dos que neste tempo sofreram martírio]

1. Não tardou muito, porém, para que este comandante militar pagasse a pena de sua maldade suicidando-se. Quanto a nós, novamente recomeçaram os desterros e as terríveis perseguições, e mais uma vez levantaram-se contra nós os governadores de todas as províncias, até o ponto de que alguns dos mais eminentes na doutrina divina foram presos e receberam sentença inapelável de morte. Deles, três em Emesa, cidade da Fenícia, que se confessaram cristãos e foram entregues como pasto às feras. Entre eles estava o bispo Silvano, de avançada idade, que havia exercido seu ministério durante quarenta anos completos.
2. Também por este mesmo tempo, Pedro, que presidia brilhantemente as igrejas de Alexandria - um modelo divino de bispo por sua vida virtuosa e por seu estudo assíduo das Sagradas Escrituras -, foi preso sem nenhum motivo e sem que se esperasse tal coisa, de repente e sem razão, como por ordem de Maximino, e foi decapitado. E junto com ele sofreram a mesma pena muitos outros bispos do Egito.
3. E Luciano, homem excelentíssimo em tudo, merecedor de aplauso por sua vida, sua continência e seus conhecimentos sagrados, presbítero da igreja de Antioquia, foi conduzido à cidade de Nicomedia, onde casualmente se encontrava o imperador. Tendo exposto publicamente em presença do soberano a defesa da doutrina pela qual o faziam comparecer, foi encarcerado e executado.
4. Na verdade, foi tanto o que aquele inimigo do bem, Maximino, organizou contra nós em breve espaço de tempo, que nos pareceu que tinha levantado uma perseguição muito mais cruel do que a primeira.

---

<sup>610</sup> São as "Memórias" mencionadas em I:IX:3.

<sup>611</sup> As atas do processo.



## VII

### [Do edito contra nós afixado nas colunas]

1. Pelo menos - coisa que nunca havia ocorrido - gravavam-se em esteias de bronze e se expunham ao público no meio das cidades as decisões que as cidades votavam contra nós e os decretos com as ordens imperiais correspondentes, e as crianças nas escolas cada dia tinham em seus lábios a Jesus, Pilatos e as *Memórias* inventadas para insultar.
2. Aqui me parece que é necessário inserir o próprio edito de Maximino, o que foi exposto nas esteias, para que ao mesmo tempo se evidencie, por um lado, a arrogância jactanciosa e insolente do ódio daquele homem contra Deus, e por outro, o desagrado do mal por parte da justiça divina, sempre alerta contra os ímpios, que o perseguia de perto, pois não muito depois, impelido por ela, começou a dizer sobre nós todo o contrário e o decretou em leis escritas.

CÓPIA DA TRADUÇÃO DO DECRETO DE MAXIMINO CORRESPONDENTE ÀS DECISÕES VOTADAS CONTRA NÓS, TOMADAS DA ESTELA DE TIRO.

3. "Por fim, a débil audácia da mente humana fortificou-se ao ter sacudido e dissipado toda obscuridade e trevas do erro - o mesmo que antes assediava com a sombra funesta da ignorância - dos sentidos de uns homens não tão ímpios quanto desgraçados, e reconhece que é regida e consolidada pela providência benevolente dos deuses imortais.
4. É realmente incrível dizer quão grato e quão prazeroso e gratificante foi para nós que nos tenhais dado a maior demonstração de vossos sentimentos de amor aos deuses quanto, mesmo antes de agora, ninguém ignorava o quanto éreis observantes e piedosos para com os deuses imortais, pois vossa fé não se dava a conhecer como fé de novas e ocas palavras, mas como fé sólida e extraordinária em excelentes obras.
5. Pelo que vossa cidade poderia chamar-se justamente templo e habitáculo dos deuses imortais, já que está bem claro por muitos exemplos que deve seu atual florescimento ao fato de nela habitarem os deuses do céu.
6. Vede pois que vossa cidade, descuidando de todos seus interesses particulares e passando por alto as anteriores solitudes sobre assuntos que lhe diziam respeito, quando novamente percebeu que estavam começando a infiltrar-se os sequazes desta maldita impostura e que era como uma fogueira descuidada e adormecida, cujas brasas ao reavivarem-se produzem os maiores incêndios, imediatamente e sem demora alguma recorreu a nossa piedade, como à metrópole de todas as religiões, pedindo algum remédio e ajuda.
7. É evidente que este saudável pensamento vos foi sugerido pelos deuses por causa da fé de vossa religião. Foi ele efetivamente, ele, Zeus, o maior e o mais elevado, que preside vossa ilustríssima cidade e livra da ruína funesta vossos deuses pátrios, vossas mulheres, vossos filhos e vossos lares, quem insuflou em vossas almas esta vontade salvadora, mostrando e tornando manifesto quão excelente, esplêndido e saudável é aproximar-se com a devida veneração ao culto e às cerimônias sagradas dos deuses imortais.
8. Porque, quem poderia ser tão insensato e alheio a todo entendimento que não compreenda que devemos à solicitude benevolente dos deuses que a terra não negue as sementes a ela confiadas, nem arruine com a espera vã a esperança dos camponeses; que não se firme inevitavelmente sobre a terra o espectro de uma guerra ímpia nem a morte arraste consigo os corpos esqueléticos ao corromper-se o bom temperamento do céu; que o mar embravecido pelo sopro dos ventos desmedidos não se levante, os furacões, soprando inesperadamente, não levantem tempestades mortíferas; mais ainda, que a terra, mãe e nutriz de todos os seres, não se afunde com tremor espantoso desde seus abismos mais profundos nem as montanhas que há em cima caiam nas fendas abertas? Ninguém ignora que precisamente todas estas calamidades, e outras ainda muito piores, ocorreram com frequência antes de agora.
9. E todas elas ocorreram por causa do erro funesto da vã impostura desses homens iníquos, quando prevalecia em suas almas e quase, por assim dizer, oprimia com suas desonras a todas as regiões do mundo habitado."
10. A isto, depois de outras coisas, acrescenta:

"Que contemplem como florescem nas amplas planícies as messes ondulantes de espigas, como reluzem os prados com suas plantas e flores, graças à chuva benfazeja, e como o céu se transformou em suavíssima tempérie.

11. Alegrem-se todos de agora em diante porque, graças a nossa piedade, a nossos sacrifícios rituais e nossa veneração, aplacou-se o poderosíssimo e firme ar, e que por isto mesmo se comprazam em desfrutar da mais tranqüila paz, seguros e em sossego. E em conseqüência, que todos quantos, com absoluto proveito, retornaram daquele cego erro e extravio para um reto e ótimo pensar, alegrem-se ainda mais, como se se vissem livres de um furacão imprevisto ou de uma terrível enfermidade e colheram para o futuro o gozo prazenteiro da vida.
12. Mas se permanecerem em sua maldita impostura, que sejam separados e lançados bem longe de vossa cidade e suas cercanias, como pedistes, para que desta maneira vossa cidade, separada de toda mancha e de toda impiedade, seguindo vossa louvável diligência neste assunto e vosso propósito natural, possa com a devida reverência dedicar-se aos sacrifícios rituais dos deuses imortais.
13. E para que saibais quão agradável nos foi vossa petição sobre este assunto e quão predisposta ao amor do bem está nossa alma, por vontade própria, mesmo sem decreto e sem petição, permitimos a vossa devoção que peça o maior dom que queirais em troca deste vosso religioso propósito.
14. E agora não vacileis em fazê-lo e em receber o prêmio, pois o alcançareis sem a menor demora. Este prêmio outorgado a vossa cidade proporcionará por todos os séculos um testemunho de vossa religiosa piedade para com os deuses imortais e demonstrará a vossos filhos e descendentes como haveis alcançado de nossa benevolência dignos prêmios por este vosso plano de vida."
15. Estas medidas contra nós tornaram-se públicas em cada província, impedindo a nossos interesses qualquer boa esperança, ao menos quanto ao que depende dos homens, tanto que, segundo aquele divino oráculo, *sendo possível, até os próprios eleitos poderiam tropeçar* sob tais circunstâncias<sup>612</sup>.
16. Mesmo assim, quando a esperança já estava quase morrendo na maioria, de repente, estando ainda a caminho por algumas regiões os servidores deste edito<sup>613</sup> contrário a nós, Deus, campeão de sua própria Igreja, fazendo travar o freio, por assim dizer, ao orgulho do tirano contrário a nós, demonstrou que o céu era um aliado posto ao nosso lado.

## VIII

### [Dos acontecimentos que seguiram entre fome, peste e guerras]

1. Por conseguinte, os aguaceiros costumeiros e as chuvas contínuas retiveram seu habitual tributo à terra, mesmo sendo a estação invernal, e uma fome inesperada fez sua aparição, ao que se juntou a peste e o ataque de alguma outra enfermidade: uma úlcera que, por causa de sua inflamação, chamava-se significativamente carbúnculo<sup>614</sup>, ocorrendo por todo o corpo, causava sérios perigos aos pacientes, e não só isso, mas atacando na maior parte dos casos particularmente os olhos, deixava cegos inúmeros homens, mulheres e crianças.
2. Por cima disto tudo sobreveio ao tirano a guerra contra os armênios, amigos antigos e aliados dos romanos. Como também eles eram cristãos e cultivavam com diligência a piedade para com a divindade, o inimigo de Deus tratou de obrigá-los a sacrificar aos ídolos e demônios, e de amigos tornou-os inimigos, e de aliados, adversários.
3. O fato de que tudo isto afluísse de um golpe e a um mesmo tempo serviu para refutar a jactância do ousado tirano contra Deus, já que, efetivamente, vinha se vangloriando de que, por causa de seu zelo pelos ídolos e de sua obsessão contra nós, nem a fome, nem a peste, nem sequer a guerra tinham lugar em seus dias. Estas calamidades pois, sobrevindo juntas e ao mesmo tempo, constituíram também o prelúdio de sua queda.

---

<sup>612</sup> Mt 24:24.

<sup>613</sup> Os encarregados de sua publicação.

<sup>614</sup> O nome técnico atual é Antraz.

4. Assim, ele mesmo se ocupava junto com suas tropas na guerra contra os armênios, enquanto a fome e a peste juntas deixavam terrivelmente exaustos os demais habitantes das cidades sujeitas a ele, tanto que por uma medida de trigo dava-se em troca dois mil e quinhentos dracmas áticos.
5. Em consequência eram milhares os que morriam nas cidades, ainda que mais numerosos do que estes fossem os que morriam nos campos e nas aldeias, até o ponto de que os antigos censos, abundantes em camponeses, por pouco não foram completamente apagados quando morreram quase todos de uma vez por falta de alimento e pela pestilenta enfermidade.
6. Assim pois, alguns julgaram bom vender seus mais apreciados bens aos mais ricos por umas migalhas de alimento; outros, vendendo pouco a pouco suas posses, haviam chegado à mais extrema penúria, e houve ainda alguns que, tendo mastigado fiapos de ervas ou comido por descuido certas plantas mortíferas, arruinaram o estado físico de seu corpo e pereceram.
7. E algumas mulheres nobres das cidades, empurradas pela indignação ao mais vergonhoso mister, saíam pelas praças públicas a mendigar, e somente no rubor de seu rosto e na decência de sua vestimenta deixavam entrever a prova de sua antiga criação nobre.
8. E outros, já secos, como fantasmas cadavéricos, lutando com a morte e resvalando aqui e acolá, terminavam caindo, impotentes para manter-se em pé. Estendidos de boca para baixo no meio das praças, imploravam que se lhes estendesse um pedacinho de pão, e com a alma já nos últimos sopros, gritavam que estavam famintos, sem ter mais forças do que para este único e doloroso grito.
9. Outros, por outro lado, os que pareciam ser dos mais acomodados, estupefatos ante a multidão de pedintes, depois de terem repartido inumeráveis esmolos, passaram a se encerrar numa atitude dura e insensível, esperando ainda não padecer também eles o mesmo que os pedintes. De fato, em meio às praças e às vielas ofereciam já à vista o mais lamentável espetáculo os cadáveres desnudos que jaziam insepultos desde muitos dias.
10. Alguns até já eram repasto para os cães, e por esta causa, sobretudo, os vivos começaram a matar cães, temerosos de que tivessem raiva e se dedicassem a devorar homens.
11. Mas a própria peste causava maiores estragos em todas as casas, sobretudo naquelas em que a fome não era capaz de exterminá-los porque abundavam em provisões. Assim, os opulentos: magistrados, governadores e muitíssimos funcionários, deixados pela fome como de propósito para a peste, padeceram uma morte cruel e rapidíssima. Tudo, em consequência, estava cheio de gemidos e por todas as vielas, praças e avenidas não se podia contemplar outra coisa que as lamentações com seu costumeiro acompanhamento de flautas e ruído de golpes<sup>615</sup>.
12. Desta maneira, lutando ao mesmo tempo com as armas acima, a peste e a fome, a morte devorou em pouco tempo famílias inteiras, ao ponto de ser possível ver num só enterro levarem-se os corpos de dois ou três mortos.
13. Tais calamidades eram o pagamento pela grande jactância de Maximino e pelas petições das cidades contra nós, sendo assim que a todos os pagãos se manifestava a prova do zelo e da piedade dos cristãos em tudo.
14. Eles eram, efetivamente, os únicos que nesta circunstância calamitosa demonstravam com suas próprias obras a compaixão e o amor aos homens. Uns perseveravam todo o dia no cuidado e no enterro dos mortos (pois eram milhares os que não tinham quem se ocupasse deles), e outros, reunindo num mesmo lugar a multidão dos que em toda a cidade estavam esgotados pela fome, repartiam pão para todos, de forma que o fato correu de boca em boca e todos os homens glorificavam o Deus dos cristãos, e convencidos pelas próprias obras, confessavam que estes eram os únicos verdadeiramente piedosos e temerosos a Deus.
15. Depois de cumprido isto como foi dito, Deus, o maior e celestial defensor dos cristãos, depois de ter mostrado pelos meios mencionados sua ira e seu desagrado contra todos os homens, novamente nos devolveu, em resposta aos excessos que eles haviam mostrado contra nós, o raio propício e esplendoroso de sua providência para conosco. Como numa escuridão profunda, fez com que do modo mais maravilhoso nos iluminasse a luz da paz, que dele procede, e a todos

---

<sup>615</sup> Sons musicais ruidosos eram usados para afastar os maus espíritos que acompanhavam a morte; este uso durou pelo menos até o final da Idade Média.

deixou manifesto que Deus mesmo foi e segue sendo o supervisor de nossos interesses, o que açoitou seu povo e que, valendo-se das circunstâncias segundo a ocasião, converte-o novamente, e por fim, o que depois de uma boa lição se mostra propício e piedoso para os que n'Ele esperam.

## IX

### [Da morte catastrófica dos tiranos e palavras que pronunciaram antes de morrer]

1. Assim pois, Constantino, que, como já dissemos anteriormente, é imperador filho de imperador e varão piedoso, filho de um pai piedoso e prudentíssimo em tudo, foi levantado contra os ímpios tiranos<sup>616</sup> pelo Imperador supremo, o Deus do universo e Salvador. E quando determinou-se a lutar segundo a lei da guerra, combatendo como aliado dele, Deus da maneira mais extraordinária, Maxêncio caiu em Roma ao impacto de Constantino, enquanto o outro, sobrevivendo muito pouco tempo no Oriente, sucumbiu nas mãos de Licínio, que então ainda não estava transtornado.
2. Constantino foi o primeiro dos dois - primeiro também em honra e dignidade imperiais - que mostrou moderação com os oprimidos pelos tiranos em Roma. Depois de invocar como aliado em suas orações ao Deus do céu e a seu Verbo, e ainda ao próprio Salvador de todos, Jesus Cristo, avançou com todo seu exército, tentando alcançar para os romanos sua liberdade ancestral.
3. Maxêncio, sabemos, confiava mais nos artificios da magia do que na benevolência dos súditos, e na verdade não se atrevia a dar um passo fora das portas da cidade, apesar de que, com a multidão de hoplitas<sup>617</sup> e com as inumeráveis companhias de legionários, cobria todo lugar, toda região e toda cidade, todas as que tinha escravizadas, em torno de Roma e em toda a Itália. O imperador, aferrado à aliança de Deus, ataca o primeiro, o segundo e o terceiro exército do tirano, e depois de vencê-los a todos com facilidade, avança o mais que pode pela Itália até muito perto de Roma.
4. Logo, para que não se visse forçado a lutar contra os romanos por causa do tirano, Deus mesmo arrastou o tirano, como em cadeias, o mais longe das portas<sup>618</sup>. E o que já antigamente estava escrito nos sagrados livros contra os ímpios, incrível para a maioria como se se tratasse de contos de fábula, mas bem digno de fé por sua própria evidência, ao menos para os fiéis, para dizer pouco, fez-se crível para todos quantos, fiéis e infieis, viram o prodígio com seus próprios olhos.
5. Da mesma forma que, nos tempos de Moisés e da antiga piedosa nação dos hebreus, *precipitou no mar os carros do faraó e seu exército, a flor de seus cavaleiros e capitães; o mar Vermelho os tragou, o mar os cobriu*<sup>619</sup>, assim também Maxêncio e os hoplitas e lanceiros de sua *escolta afundaram na profundidade como uma pedra* quando, dando as costas ao exército que vinha da parte de Deus com Constantino, atravessava o rio que lhe cortava o caminho e que ele mesmo havia unido e bem pontoneado com barcas, construindo assim uma máquina de destruição contra si mesmo<sup>620</sup>.
6. Dele se poderia dizer: *cavou um fosso e tirou-lhe a terra; e cairá na vala que fez. Seu trabalho se voltará contra sua cabeça, e sua injustiça recairá sobre sua moleira*<sup>621</sup>.
7. Assim pois, desfeita a ponte estendida sobre o rio, a passagem afunda e as barcas se precipitam de um golpe no abismo com todos seus homens; e ele mesmo em primeiro, o homem mais ímpio, e logo os escudeiros que o rodeavam *afundaram como chumbo nas águas impetuosas*<sup>622</sup>, como já predisse o oráculo divino;
8. de forma que, se não com palavras, como é natural, mas pelo menos com as obras, os que com a graça de Deus haviam se alçado à vitória, poderiam junto com os seguidores do grande servo

---

<sup>616</sup> Maxêncio e Maximino.

<sup>617</sup> Soldado de infantaria com armadura pesada.

<sup>618</sup> Maxêncio foi obrigado a seguir junto com o exército.

<sup>619</sup> Ex 15:4-5.

<sup>620</sup> A ponte de barcas estava preparada como armadilha contra Constantino, mas rompeu-se antes do tempo.

Maxêncio morreu afogado no Tibre.

<sup>621</sup> Sl 7:16-17 (7:15-16).

<sup>622</sup> Ex 15:10.

Moisés<sup>623</sup> entoar o mesmo hino que contra o ímpio tirano de então e dizer: *Cantemos ao Senhor, porque gloriosamente cobriu-se de glória. Cavalos e cavaleiros lançaram ao mar. Minha ajuda e minha proteção, o Senhor; se fez meu salvador*<sup>624</sup>; e *Quem como tu entre os deuses, Senhor? Quem como tu, glorificado nos santos, admirável na glória, operador de maravilhas!*<sup>625</sup>

9. Estas e muitas outras coisas parecidas com estas cantou Constantino com suas obras ao Deus supremo, causa de sua vitória, e entrou em triunfo em Roma, enquanto todos em massa, com suas crianças e suas mulheres, os senadores e altos dignitários, e todo o povo romano, recebiam-no com os olhos brilhantes, de todo coração, como a um libertador, salvador e benfeitor, em meio a vivas e a uma alegria insaciável.
10. Mas ele, que possuía a piedade para com Deus como algo inato, sem perturbar-se o mínimo com as aclamações nem envaidecer-se com os louvores, muito consciente de que a ajuda provinha de Deus, ordena imediatamente que na mão de sua própria estátua se coloque o troféu da paixão salvadora, e ao ver que lhe erigiam no lugar mais público de Roma sustentando em sua mão direita o signo salvador, ordena-lhes que gravem esta inscrição em língua latina com suas próprias palavras:
11. "Com este símbolo salvador, que é a verdadeira prova do valor, salvei e libertei vossa cidade do jugo do tirano; mais ainda, libertei-a e a restitui ao senado e ao povo romanos em seu antigo renome e esplendor."
12. E depois disto, o próprio Constantino, e com ele Licínio - que então ainda não havia voltado seu pensamento para a loucura em que viria a dar mais tarde -, depois de aplacar a Deus, causa para eles de todos os bens, ambos juntos, por acordo e decisão comum, redigem uma lei perfeitíssima no mais pleno sentido em favor dos cristãos, e enviam uma relação dos portentos que Deus lhes havia feito - a vitória contra o tirano - e a própria lei a Maximino, que ainda imperava sobre os povos do Oriente e lhes fingia amizade.
13. Mas ele, tirano como era, afligiu-se muito ao saber destas coisas, e logo, não querendo aparentar que cedia ante os outros nem tampouco que suprimia o ordenado, por temor aos que o haviam ordenado, vê-se na necessidade de escrever em favor dos cristãos aos governadores seus súditos, como se o fizesse por seu próprio e absoluto poder, esta primeira carta em que falsamente finge sobre si coisas que jamais havia realizado.

## IX-a

### [Cópia da tradução da carta do tirano]

1. "Jovio Maximino Augusto, a Sabino: Estou persuadido de que, tanto para tua firmeza quanto para todos os homens, é evidente que nossos senhores e pais, Diocleciano e Maximiano, quando se deram conta de que quase todos os homens, abandonando o culto dos deuses, haviam se misturado com a raça dos cristãos, agiram corretamente ao ordenar que todos os que haviam deserdado do culto de seus próprios deuses imortais fossem novamente chamados ao culto dos deuses mediante correção e castigo exemplar.
2. Mas quando eu cheguei pela primeira vez ao Oriente sob bons auspícios e me inteirei de que em alguns lugares os juizes haviam desterrado pela causa acima assinalada numerosíssimas pessoas que podiam ser úteis ao Estado, dei ordens a cada um dos juizes para que daí em diante nenhum deles se comportasse duramente com os habitantes das províncias, mas que, com carinho e exortações, tentassem chamá-los novamente ao culto dos deuses.
3. Em consequência, por então, enquanto os juizes, conforme minhas ordens, guardavam o que estava ordenado, nas partes do Oriente ninguém era desterrado nem ultrajado; ao contrário, ocorria mais que, por nada de grave se fazer contra eles, retornavam ao culto dos deuses.
4. E logo, quando no ano passado entrei felizmente em Nicomedia e lá residi, apresentaram-se a mim cidadãos da mesma cidade com as estátuas de seus deuses pedindo-me encarecidamente que de nenhuma maneira permitisse que semelhante raça habitasse em sua pátria.

---

<sup>623</sup> Ex 14:31.

<sup>624</sup> Ex 15:1-2.

<sup>625</sup> Ex 15:11.



5. Mesmo assim, quando fui informado de que numerosíssimos homens da mesma religião habitavam aquelas regiões, dei-lhes como resposta que lhes agradecia prazerosamente sua petição, mas que advertia que este pedido não provinha de todos. Por conseguinte, se havia alguns que perseveravam na mesma superstição, que cada um decidisse segundo sua preferência pessoal, e se quisessem, que reconhecessem o culto dos deuses.
6. Mas, aos habitantes da própria Nicomédia e às demais cidades que tão solícitamente me tinham feito também idêntica petição, ou seja, que nenhum cristão habitasse em suas cidades, tive que responder-lhes forçosamente em termos amistosos, já que assim fizeram mesmo os antigos imperadores, e devido aos próprios deuses - pelos quais se mantém todos os homens e a própria administração do Estado - que eu confirmava essa importante petição que apresentavam em favor do culto de sua divindade.
7. Por conseguinte, ainda que anteriormente tenhamos escrito a tua devoção e que te haja sido igualmente ordenado em instruções não comportar-te duramente com os provincianos que se empenhavam em guardar semelhante costume, mas tratá-los com paciência e moderação, mas, para que não tenham que agüentar insultos nem violências pelas mãos dos *beneficiários*<sup>626</sup> ou de quaisquer outros, julguei oportuno sugerir a tua gravidade com esta carta que, valendo-te de agradados e exortações, faças com que nossas províncias reconheçam o culto aos deuses.
8. Daí que, se alguém por sua vontade admitir que se deve reconhecer o culto dos deuses, a estes convém receber. Mas se alguns desejam seguir seu próprio culto, poderias ir deixando-os em sua liberdade.
9. Por esta razão, tua devoção deve guardar escrupulosamente o que te foi confiado, e que a ninguém se dê a possibilidade de excitar nossos provincianos com injúrias e violências, pois, como acima está escrito, mais convém atrair novamente nossos provincianos ao culto dos deuses com exortações e agradados. E para que este nosso mandato chegue ao conhecimento de todos nossos provincianos, deverás tornar público o mandato mediante uma ordem que tu proporás."
10. Como ele havia tomado estas disposições forçado pela necessidade e não por sua própria convicção, ninguém o tomou por verdadeiro e digno de fé, devido a seu pensar inconstante e mentiroso, já anteriormente manifestado numa concessão semelhante.
11. Em conseqüência, nenhum dos nossos se atrevia a convocar uma reunião nem a apresentar-se em público, já que o edito não o autorizava; somente ordenava não nos insultar, mas não animava a que se fizessem reuniões, que se construíssem igrejas e que se praticasse qualquer ato dos costumeiros entre nós.
12. E mesmo assim os defensores da paz e da piedade lhe haviam escrito que o permitisse, e eles o haviam concedido por meio de editos e leis a todos seus súditos. Na verdade aquele monstro de impiedade preferia não ceder neste terreno, até que, por fim, acossado pela justiça divina, muito a contragosto, viu-se forçado a fazê-lo.

## X

### [Da vitória dos imperadores amigos de Deus]

1. Esta foi a causa que o obrigou. Maximino era incapaz de levar o peso do governo supremo que lhe haviam confiado sem merecê-lo; devido a sua falta de reflexão sensata e própria de um imperador, manejava os assuntos públicos com total imperícia e, sobretudo, erguia-se irrefletidamente em sua alma com orgulhosa jactância inclusive contra seus próprios colegas imperiais, que em tudo o superavam, tanto em linhagem quanto em educação, instrução, dignidade, inteligência e - o que é mais importante - em sábia prudência e em piedade para com o verdadeiro Deus. Começou com a ousadia de atrever-se e de proclamar-se a si mesmo publicamente o primeiro nas honras<sup>627</sup>.
2. Levando à loucura seu insano orgulho, quebrou todos os pactos que havia feito com Licínio e empreendeu uma guerra sem quartel. Logo, em pouco tempo, alvoroçando tudo e perturbando

---

<sup>626</sup> Soldados liberados de funções mais pesadas que exerciam o policiamento e o acompanhamento de oficiais superiores.

<sup>627</sup> Por direito de antigüidade, ainda que apenas como César, correspondia-lhe a dignidade de primeiro Augusto.

profundamente cada cidade, reuniu toda a força armada, uma multidão de incontáveis miríades, e partiu para a luta em ordem de batalha contra ele e com a alma exaltada pelas esperanças postas nos demônios, que ele acreditava serem deuses, e nas miríades de soldados armados.

3. Mas, ao chegar às mãos, encontrou-se desprovido da proteção de Deus, por outorgar-se ao que então mandava<sup>628</sup> a vitória que procede do mesmo e único Deus de todas as coisas.
4. Em primeiro lugar perde o corpo de hoplitas em que depositava sua confiança, enquanto os lanceiros de sua escolta pessoal o abandonam indefeso e privado de tudo, e passam para o vencedor. O desgraçado, despindo-se a toda pressa do ornato imperial, que de modo algum lhe cabia, desliza entre a multidão covardemente, como um canalha e sem ânimo viril. Depois foge, e escondendo-se com dificuldade das mãos de seus inimigos pelos campos e aldeias, vai vagando de uma parte a outra buscando sua salvação e mostrando bem às claras, com os próprios fatos, a fidelidade e verdade dos divinos oráculos onde se diz:
5. *Não se salva o rei por seu numeroso exército nem o gigante será salvo pela abundância de sua força. Inútil é o cavalo para salvar-se, e ninguém se salvará por sua grande potência. Vede os olhos do Senhor postos sobre os que o temem, os que esperam em sua misericórdia, para arrancar suas almas da morte*<sup>629</sup>.
6. Foi assim que o tirano chegou coberto de vergonha a seu próprio território, e ali, enfurecido, começou por fazer executar muitos sacerdotes e profetas dos deuses que ele antes admirava e cujos oráculos o haviam incitado a empreender a guerra, acusando-os de impostores, de charlatães, e sobretudo de haverem-se convertido em traidores de sua salvação. Logo<sup>630</sup> deu glória ao Deus dos cristãos, e depois de haver disposto uma lei perfeitíssima e completíssima em favor da liberdade dos mesmos, acabou imediatamente sua vida com uma morte penosa e sem que lhe fosse dado um prazo de tempo. A lei que ele havia enviado era do seguinte teor:

CÓPIA DA TRADUÇÃO DA ORDEM DO TIRANO EM FAVOR DOS CRISTÃOS, TRADUZIDA DA LÍNGUA LATINA À GREGA.

7. "O imperador César Caio Valério Maximino Germânico Sarmático Augusto Pio Félix Invicto: Que nós velamos continuamente e de todas as maneiras pelo proveito de nossos provincianos e que nossa vontade é proporcionar-lhes o que mais faça prosperar as vantagens de todos e o que seja de proveito e utilidade comuns, assim como o que se presta à utilidade pública e resulta agradável ao parecer de cada um, cremos que ninguém o ignora, antes, cremos que cada um se atém aos próprios fatos e é consciente de sua evidência.
8. Assim pois, quando antes ficou patente a nosso conhecimento que, sob o pretexto de que os divinos Diocleciano e Maximiano, nossos pais, tinham mandado abolir as assembleias dos cristãos, os *officiales*<sup>631</sup> haviam causado muitos prejuízos e espoliações, e que em seguida isto havia se estendido como dano a nossos provincianos (por cujo cuidado nos estamos debatendo), ficando destruídas as propriedades de particulares, no ano passado dirigimos cartas aos governadores de cada província e legislamos o seguinte: que se alguém quiser seguir semelhante costume ou a própria observância da religião, que não tivesse impedimento a seu propósito e que ninguém lhe pusesse estorvos nem o proibisse, e que todos tivessem facilidade para fazer sem temor nem suspeita o que a cada um agradasse.
9. Somente que agora não se pôde mais ocultar-nos que alguns juízes vinham descuidando de nossos comandos, expunham nossos homens à dúvida sobre as ordens e faziam com que se aproximassem com maior vacilação às próprias práticas religiosas que eram de seu agrado.
10. Por conseguinte, para eliminar logo toda suspeita e ambigüidade causadoras de temor, determinamos que se promulgue esta ordem, com o fim de que a todos seja manifesto que, por este nosso presente, àqueles que quiserem tomar parte em semelhante seita ou religião é lícito

---

<sup>628</sup> Licínio.

<sup>629</sup> SI 32(33): 16-19.

<sup>630</sup> Maximino publicou este edito antes de ver-se totalmente perdido em Tarso, provavelmente com a intenção de ganhar o apoio dos cristãos contra Licínio.

<sup>631</sup> Maximino trata de lançar a culpa sobre os oficiais ou funcionários superiores.

aproximar-se, da maneira que cada um queira, ou como mais goste, a aquela religião que tenha escolhido praticar habitualmente. E também fica-lhes permitido construir suas próprias igrejas.

11. Mas, para que seja maior o nosso presente, julgamos digno legislar também o seguinte: que se algumas casas e campos, anteriormente propriedade por direito dos cristãos, tiverem vindo a cair em posse legal do fisco por ordem dos nossos, ou se alguma cidade deles tiver se apropriado, seja por leilão ou porque foi obsequiado a alguém, tudo isto ordenamos que seja restituído ao antigo direito de propriedade dos cristãos, com o fim de que, inclusive nisto, todos percebam nossa piedade e nossa providência."
12. Estas são as palavras do tirano, que chegaram com quase um ano de atraso sobre os editos que ele mesmo havia feito afixar em esteiras contra os cristãos. E aos que até pouco antes sucumbiam ante seus próprios olhos a ferro e fogo e como pasto das feras e aves de rapina, e sofriam todo tipo de castigo, de suplício e de morte do modo mais miserável, como se se tratasse de ateus e ímpios, a estes o mesmo declarava agora observantes da religião e lhes permitia construir igrejas. E até o tirano em pessoa confessa que têm parte em certos direitos!
13. E quando havia realizado tais confissões, padecendo sem dúvida menos do que merecia padecer, como se por causa delas tivesse alcançado certo favor, ferido repentinamente pelo flagelo de Deus<sup>632</sup>, sucumbe na segunda refrega da guerra.
14. Mas não teve a morte que acontece aos generais supremos da guerra que, batendo-se varonilmente repetidas vezes pela virtude e por seus amigos, sofreram com valentia um fim glorioso na batalha; este, bem ao contrário, como ímpio e hostil a Deus, recebeu o castigo merecido quando se achava em casa e andava se ocultando enquanto seu exército seguia ainda na planície combatendo por ele. Ferido repentinamente em todo seu corpo pelo flagelo de Deus, caiu de bruços como empurrado por atrozes sofrimentos e vivíssimas dores. Devorado pela fome e com suas carnes consumidas por um fogo invisível e de origem divina, toda a aparência de sua antiga forma desapareceu como que aniquilada e ficou unicamente nos puros ossos, como um espectro há muito tempo reduzido a esqueleto; assim que os que o rodeavam não podiam senão pensar que o corpo se lhe havia convertido em sepulcro da alma, enterrada já num cadáver em completa decomposição. 15. Mas ao abraçar-lhe muito mais terrivelmente o fogo desde o fundo da medula, os olhos lhe saltaram, e caindo de suas órbitas deixaram-no cego. Ele, ainda respirando, apesar disto, confessava o Senhor e chamava a morte. E depois de confessar que padecia isto com toda justiça por causa de seu excesso demencial contra Cristo, entregou sua alma.

## XI

### [Da destruição final dos inimigos da religião]

1. Morto desta maneira Maximino, único sobrevivente dos inimigos da religião e que manifestou ser o pior de todos, as igrejas surgiam, pela graça de Deus Todo-poderoso, reconstruídas desde os fundamentos, e a doutrina de Cristo, rutilante para a glória do Deus do universo, alcançava uma liberdade confiante, maior do que a de antes, enquanto os ímpios inimigos da religião se acumulavam de vergonha e desonra extremas.
2. Efetivamente, o próprio Maximino foi o primeiro a quem os imperadores proclamaram inimigo comum de todos, e por meio de editos públicos, para conhecimento geral, foi denunciado como tirano ímpio, abominável e inimigo de Deus. Das pinturas que em cada cidade foram dedicadas a sua honra e de seus filhos, umas foram lançadas do alto contra o solo e desfizeram-se em pedaços; outras tiveram seus rostos enegrecidos com cores sombrias e ficaram inservíveis. Assim também as estátuas, todas as que foram erigidas em sua honra: também foram derrubadas e feitas em pedaços, ficando expostas aos riso e à burla dos que queriam insultá-las e enfurecer-se com elas.
3. E logo também os restantes inimigos da religião foram sendo despojados de todas as honras, e inclusive matavam-se todos os partidários de Maximino, especialmente os que, tendo sido honrados por ele com as honras do governo, para adulá-lo haviam-se atirado com violência contra nossa

---

<sup>632</sup> Esta expressão, que já encontramos aplicada a Herodes (vide I:8:5), indica alguma enfermidade grave e mesmo mortal.

doutrina.

4. Assim era Peucetio, para todos o mais honrado por ele, o mais respeitado e de maior confiança entre seus companheiros, a quem ele havia nomeado cônsul duas e três vezes, e prefeito de todas as contas. Assim também Culciano, que havia ascendido por todos os graus do governo e que também se gloriava de inúmeras matanças de cristãos no Egito<sup>633</sup>. E além destes havia muitos outros, por meio dos quais se havia firmado e aumentado a tirania de Maximino.
5. Deve-se saber que também Teotecno era procurado pela justiça, que não esquecia o que ele havia levado a cabo contra os cristãos. Efetivamente, porque havia erigido um ídolo em Antioquia pensava que seus dias seriam felizes, e realmente até Maximino o havia considerado digno de um cargo de governo.
6. Mas quando Licínio entrou na cidade de Antioquia e empreendeu a busca dos charlatães, fez atormentar profetas e sacerdotes do recém-erigido ídolo, tratando de averiguar por que razão haviam fingido a fraude. Como apertados pelos tormentos não lhes era possível seguir ocultando-o, declararam que todo o mistério era uma fraude urdida pelo engenho de Teotecno. Então impôs a todos o castigo que haviam merecido e entregou à morte primeiro o próprio Teotecno, e logo também seus cúmplices no engodo, depois de numerosos suplícios.
7. A todos estes vieram juntar-se inclusive os filhos de Maximino, aos quais já tinha feito sócios da dignidade imperial e da dedicatória em retratos e em pinturas. E os que anteriormente se jactavam de parentesco com o tirano e estavam prestes a subjugar todos os homens, sofreram as mesmas penas que os supracitados, junto com a desonra extrema, já que não haviam aceitado a lição nem conheciam nem compreendiam a exortação que nas Sagradas Escrituras vai repetindo:
8. *Não confieis em príncipes nem nos filhos dos homens, em que não há salvação. Sai-lhes o espírito, e eles tornam ao pó. Nesse mesmo dia perecem todos os seus desígnios.*  
(Em todas as coisas se dêem graças a Deus Todo-poderoso e rei do universo e também mui numerosas ao Salvador e Redentor de nossas almas, Jesus Cristo, por meio do qual estamos continuamente suplicando que nos conserve segura e firme a paz, ao abrigo tanto das perturbações de fora como das da mente.)  
[Assim varridos os ímpios, Constantino e Licínio guardaram para si sós a parte correspondente do Império, segura e indiscutível. Estes, depois de eliminar do mundo antes de mais nada a inimizade contra Deus, conscientes dos bens que Deus lhes havia outorgado, demonstraram seu amor à virtude, seu amor a Deus, sua piedade e gratidão para com a divindade por meio de sua legislação em favor dos cristãos.]

---

<sup>633</sup> Cláudio Culciano, prefeito do Egito, foi quem condenou Fileas e Filoromo (vide VIII:IX:7-X:6).